

A *disputatio* sobre os rituais de magia na *História natural*

Ana Thereza Basilio Vieira

RESUMO

O séc. I d.C. é uma época prolixa em obras de cunho técnico-científico. Nesse meio literário, Plínio o Velho compõe a *História natural*, obra em que tenta delinear todas as ciências em voga à sua época, como a medicina aliada às práticas mágicas. O autor busca questionar este uso, frequentemente utilizado por povos estrangeiros, sob um olhar de acusação e, ao mesmo tempo, de defesa dos direitos romanos. Pretendemos, portanto, analisar alguns trechos que justamente nos revelam esse olhar inquiridor de Plínio sob os rituais mágicos.

PALAVRAS-CHAVE

Disputa; magia; *História natural*; medicina.

A

História natural, obra de Plínio o Velho composta no séc. I d.C., é um exemplo de obra técnico-científica que tem por objetivo apresentar ao povo romano – considerado na carta prefácio como o vulgo, o simples camponês – uma espécie de livro de consulta sobre os mais variados assuntos. Ali,

o autor busca mostrar a grandeza do Império romano, já sob os auspícios de Vespasiano e Tito, contemplando a missão civilizatória de Roma. A função do *Imperium romanum* é trazer ao mundo o sentido de *humanitas* (diga-se instrução, cultura, bondade), com um papel muito importante: melhorar os costumes bárbaros passados ao longo dos tempos. E a língua latina serve para unir o mundo e espalhar civilização. O dever de Roma, portanto, é suprimir a barbárie, algo visto, sobretudo, nos livros 28 a 32 da *HN*,¹ onde Plínio trata da magia aliada à medicina e à astrologia, denunciando as loucuras a que as crenças sem sentido levam o homem a fazer.

O autor horroriza-se, por exemplo, com a crueldade física, sobretudo o sacrifício humano, perpetrado pela magia e por religiões estrangeiras. Talvez esta não seja apenas a opinião do escritor, mas de uma classe de pessoas que se preocupa com o futuro do Império. Algo que já vinha sendo questionado desde os tempos de Augusto, que tentara banir as religiões não oficiais de Roma.

Plínio diz que deve seus conhecimentos a seus predecessores já na carta que prefacia a obra; mas, ao mesmo tempo, ele é inovador naquilo que escreve, pois, segundo suas próprias palavras, nenhum grego nem romano jamais realizou uma obra desse porte: *Praeterea ita est non trita auctoribus uia nec qua peregrinari animus expetat: nemo apud nos qui idem temptauerit, nemo apud Graecos qui unus omnia ea tractauerit* (PL. *HN. Praef.* 14). “O caminho não foi trilhado pelas autoridades nem por aquela via que o espírito escolhe percorrer: não há ninguém junto a nós que tenha tentado o mesmo, ninguém junto aos gregos que, sozinho, tenha tratado de todos estes assuntos.”

Um exemplo de sua incursão contra os charlatães é a sua *disputatio* contra Ápio, que, segundo Plínio, seria frívolo e cheio de vaidade. Ápio é considerado um *novus magus*, que utiliza, por exemplo, uma planta para chamar Homero do mundo dos mortos, a fim de que este conte de boca própria o que acontece no além-túmulo. Mero exemplo de loucura e fraudulência. Ápio não passa de um impostor,

que tenta enganar os mais crédulos com suas artimanhas.

Mas as remissões à magia ou aos remédios mágicos não se atêm aos livros antes citados. Conforme nos diz Aude Doody (2010, p. 20):

Encontrar respostas específicas muitas vezes envolve voltar atrás na lógica narrativa de Plínio aos livros que o texto assume que já lemos, reafirmando a autoridade da organização narrativa e o valor de entretenimento do livro.²

A agricultura – a *maiestas naturae* – era considerada pelos romanos antigos algo de grande valor. Plínio dedica sua obra ao simples camponês, o que volta a ficar em voga a partir do livro 18, quando cita as plantas que a *benigna tellus* dá, além de seus venenos, ambos explorados pelos homens. Pouco após a fundação da cidade, eram os generais que cultivavam a terra, pois eram os únicos aptos a empregar a *diligentia*, usada nos acampamentos militares e durante as guerras. Foram estabelecidos festivais e ritos baseados na agricultura; a fartura consistia em muita terra e gado. A Lei das XII Tábuas possuía itens concernentes à punição dos crimes praticados contra as colheitas e contra a difamação de outrem:

Frugem... aratro quaesitam noctu pauisse ac secuisse puluere XII tabulis capital erat, suspensumque Cereri necari iuebant... (Tab. VIII, 9).

Segundo as XII tábuas, era passível de sofrer pena capital aquele que fizesse encantamentos contra a colheita e a colhesse furtivamente à noite, ordenavam que este fosse suspenso e sacrificado a Ceres...

... sed pueros impuberes praetoris arbitrato uerberari uoluerunt noxiamque... sarciri (Tab. VIII, 14).

... Mas quiseram que os jovens impúberes fossem fustigados a critério do pretor e indenizassem o prejuízo em dobro...

Qui malum carmen incantassit... [capite]... (Tab. VIII, 19).

Se alguém tiver feito encantamentos ou feitiçaria... [pela cabeça]...

Patronus si clienti fraudem fecerit, sacer esto (Tab. VIII, 20).

Se um patrono causar dano a seu cliente, que seja declarado sacrílego.

Ex XII tabulis... si nunc quoque... qui falsum testimonium dixisse conuictus esset, e saxo Tarpeio deiceretur... (Tab. VIII, 23).

Pelas leis das XII Tábuas... se também... aquele que tivesse sido convencido a levantar falso testemunho... que fosse lançado da rocha Tarpeia.

A *Natura*, na verdade, é a única divindade que interessa a Plínio. O próprio título da obra – *Naturalis historia* – significa propriamente “Pesquisa sobre a Natureza”, que é o espírito do Universo. Todos os outros deuses do Olimpo são símbolos da *imbecillitas humana*, sendo que alguns homens adoram os *monstra*, enquanto outros inventam divindades que supostamente associavam às qualidades ou aos vícios humanos:

Quapropter effigiem dei formamque quaerer imbecillitatis humanae reor... innumeros quidem credere atque etiam ex vitiis hominum, ut Pudicitiam, Concordiam, Mentem, Spem, Honorem, Clementiam, Fidem, aut, ut Demetrio placuit, duos omnino, Poenam et Beneficium, maiorem ad socordiam accedit (PL. HN. II, 5).

Avalio prova da imbecilidade humana porque procuraria a imagem e a beleza do deus... na verdade, acrescenta-se a uma estupidez maior que inúmeras pessoas acreditam ainda os nomes (das divindades) serem provenientes dos vícios humanos, como Pudicícia, Concórdia, Discernimento, Esperança, Honra, Clemência, Fidelidade ou, como agradava a Demétrio, somente dois: Vingança e Benefício.

Plínio não se abstém de citar deuses ou divindades, mas, para ele, estes são modos tradicionais de expressão a referências casuais ao extraordinário. Algumas vezes o termo *deus* é usado como sinônimo de *Natura*, pois que as plantas são presentes divinos dados aos homens por generosidade da própria natureza.

Quod certe casu repertum quis dubitet et, quotiens fiat, etiam nunc ut novum nasci, quoniam feris ratio et usus inter se tradi non possit hic ergo casus, hic est ille qui plurima in vita invenit deus – hoc habet nomen per quem intellegitur eadem et parens rerum omnium et magistra -, utraque coniectura pari, sive ista cotidie feras invenire sive semper scire iudicemus (PL. HN XXVII, 2).

Quem duvida que isto fosse imaginado certamente por acaso

e, tantas vezes quantas isso acontecer, ainda agora surge como novidade, pois que o discernimento e os usos nas feras não podem ser transmitidos entre si, aqui em vista do acaso, ali é aquele deus – tem este nome para aquele por quem a mesma [natureza] é vista como mãe e mestra de todas as coisas – que descobre várias coisas na vida, como uma e outra conjectura são produzidas, quer julguemos que cotidianamente estas encontrem as feras, quer sempre as conheçam.

A astrologia e a magia eram vistas como fontes alternativas de poder controlar o próprio destino e o de todos os demais. Assim, Nero estudava a astrologia com vistas a exercer sua autoridade sobre o povo da forma que bem desejasse.

A instabilidade social e política em fins da República encorajavam as pessoas a preservar seus ritos tradicionais, que já se estavam imiscuindo de ritos estrangeiros, os chamados *externa sacra*. Plínio descreve homens escravos de rituais estrangeiros, que “carregam deuses em seus dedos (encravados em anéis) e amaldiçoam os monstros que adoram”³ (BEAGON, 2002, p. 95).

O maior desafio de Plínio com relação à astrologia e à magia é o seu apelo a um público que tanto pode ser refinado quanto ignorante, ou seja, envolve todas as classes sociais. E Plínio sente que não pode fazer muito contra isso, pois ele próprio simpatiza com alguns ideais do estoicismo, que se relacionam, por exemplo, com o estudo das estrelas ligadas ao mundo e não associadas à vida de cada um, como se pudessem prever nosso futuro (horóscopo):

Hinc redeamus ad reliqua naturae. Sidera, quae adfixa diximus mundo, non illa, ut existmat vulgus, singulis attributa nobis et clara divitibus, minora pauperibus, obscura defectis ac pro sorte cuiusque lucentia adnumerata mortalibus, cum suo quaeque homine orta moriuntur nec aliquem extingui decídua significant (PL. HN. II, 8).

Agora voltemos às restantes coisas da natureza. As estrelas, que dizemos arremessadas ao mundo, não aquelas, como o povo julga, atribuídas a cada um de nós, são brilhantes para os ricos, menores para os pobres, obscuras para os desprovidos e contadas pelos mortais como resplandecentes por sorte de cada um, quando cada uma (das estrelas) nascida para seu homem morre, caídas não indicam que alguém morre.

No caso do cometa de Augusto, Plínio admite apenas que deve

ter havido uma influência boa sobre o mundo, à época de sua passagem:

Cometes in uno totius orbis loco colitur in templo Romae, admodum fastus Divo Augusto iudicatus ab ipso, qui incipiente eo apparuit ludis, quos faciebat Veneri generici non multo post obitum patris Caesaris in collegio ab eo instituto. Namque his verbis in ... gaudium prodit is: "Ipsis ludorum meorum diebus sidus crinitum per septem dies in regione caeli sub septentrionibus est conspectum. Id oriebatur circa undecimam horam diei clarumque et omnibus e terris conspicuum fuit. Eo sidere significari vulgus credit Caesaris animam inter deorum immortalium numina receptam, quo nomine id insigne simulacro capitis eius, quod mox in foro consecravimus, adiectum est" (PL. HN. II, 34).

Um cometa num só lugar de toda a terra é cultuado num templo em Roma, considerado muito fasto pelo próprio Divo Augusto, que apareceu no começo dos jogos, que ele fazia para a mãe Vênus não muito depois da morte do pai César, no colégio por ele instituído. Pois, em suas palavras... ele transmitiu a alegria: "Nos próprios dias dos meus jogos, uma estrela com cauda foi vista por sete dias na região do céu septentrional. Ela surgia por volta da 11^a hora do dia e foi clara e visível a todas as terras. Naquela estrela o povo acreditou que se mostrava a alma de César, recebida em meio ao assentimento dos deuses imortais, cujo nome foi acrescentado à imagem de sua cabeça, que, sem demora, consagramos no fórum".

Algumas vezes, o termo astrologia é trocado por astronomia, assim como *mathematicus* serve para designar o astrólogo e sua arte. Muitos escritores admitem a astrologia em seus estudos, como outra ciência a ser estudada. Mas as críticas de Plínio são especialmente relacionadas com as doutrinas dos Magos, diretamente mencionados no livro xxx, no qual o autor expõe uma longa história da magia, dos magos e do uso da medicina associada a essa "arte". Referências a encantamentos e feitiços ocorrem com frequência.

A magia seria uma forma degenerada da medicina, aliada à astrologia e a mais fraudulenta de todas as artes:

In paucis tamen digna res est de qua plura dicantur, vel eo ipso quod fraudulentissima artium plurimum in toto terrarum orbe plurimisque saeculis valuit... natam primum e medicina nemo dubitabit ac specie salutari inrepsisse velut altiore[m] sanctiore[m]que medicinam ... miscuisse artes mathematicas, nullo non avido futura de sese sciendi atque ea e caelo verissime peti credente (PL. HN. XXX, 1).

Em alguns casos, todavia, a questão merecerá uma atenção maior e algumas palavras a mais, senão porque a mais fraudulenta das artes se manteve em grandíssima consideração em qualquer lugar e por vários séculos [...] ninguém questionará que derive da medicina e que, sob aparência salvadora, se tenha difundido, espalhando-se da forma mais eficaz e mais sacra de remédio [...] para coroar a sua obra, apropriou-se da ciência do céu, visto que não havia ninguém que não desejasse conhecer o próprio futuro e que não acreditasse poder encontrá-lo com absoluta certeza nos astros.

O termo *magus* não se refere a um indivíduo ou a um grupo específico, como os sacerdotes persas; ele é usado com um sentido pejorativo: “aquele que engana o povo com suas artes”. O problema é que a magia não é somente uma arte sem fundamento, praticada pelo populacho; há uma coleção de escritos, talvez adulterada, capaz de contaminar o saber tradicional e de seduzir os intelectuais.

O perigo das artes mágicas, para o nosso autor, reside no fato de que existe uma perigosa ambiguidade na manipulação desses saberes. Muitos remédios podem se tornar venenos extremamente poderosos, capazes de matar um indivíduo. O termo *veneficium* é ambíguo: pode ser um filtro amoroso, sem maiores consequências, ou um veneno passível de imputar a alguém a taxaço de crime hediondo.

A *vis*, a força vital, existe para ser manipulada, segundo os magos. Plínio se preocupa em denunciar seu uso fraudulento, por mera vaidade humana. Ele é cético em relação ao sobrenatural e não acredita, portanto, nas palavras mágicas e nos encantamentos. Entretanto, quando tudo isso se refere ao passado rural da Itália, diga-se, do Império romano, Plínio se torna mais brando.

Plínio sugere que os magos construíram uma aura espúria de poder em torno de remédios, escolhendo desnecessariamente ingredientes bizarros ou nojentos aos nossos olhos:

Etiamne Graeci suas fecere has artes extant commentationes Democriti ad aliud noxii hominis ex capite ossa plus prodesse, ad alia amici et hospitis. Iam vero vi interempti dente gengivas in dolore scarihari Apollonius efficacissimum scripsit, Meletos oculorum suffusiones felle hominis sanari, Artemon calvaria interfecti neque cremati propinavit aquam e fonte noctu comitialibus morbis (PL. HN. XXVIII, 2).

Até mesmo os gregos não tornaram suas estas artes? Revelam

os tratados de Demócrito que os ossos da cabeça de um homem culpado são mais úteis para uns e, para outros, os ossos de um amigo ou de um hóspede. Em verdade, Apolônio já escreveu que era muito eficaz escarnar as gengivas doentes com um dente de alguém morto de forma violenta, e Meleto escreveu que era eficaz curar as cataratas com fel de homem; Artemon deu de beber água da fonte à noite no crânio de um morto não cremado para os epiléticos.

Os magos violam a relação homem-natureza independentemente do fato de eles realmente terem controle sobre as forças naturais; a sua própria intenção é inaceitável. O seu erro consiste nos magos e quem mais utiliza a magia desejar o poder e não a pura investigação, a obtenção de conhecimentos.

Os chamados “remédios” abortivos e as poções de amor estão elencados num mesmo rol: *alia magica portenta*, outras monstruosidades mágicas:

Sed quae fuit venia monstrandi qua mentes solventur, partus eliderentur, multaque similia ego nec abortiva dico ac ne amatoria quidem, memor Lucillum imperatorem clarissimum amatorio perisse, nec alia magica portenta, nisi ubi cavenda sunt aut coarguenda, in primis fide eorum damnata (PL. HN. XXV, 10).

Mas, qual foi o favor ao mostrar por que as mentes são corrompidas, os partos seriam sufocados, e muitas coisas semelhantes que eu digo, em verdade, não serem nem abortivas nem poções de amor, lembro que o ilustríssimo comandante Luculo morreu de poção do amor, e não outras monstruosidades mágicas; a não ser quando devem ser evitadas ou refutadas, principalmente condenadas por sua fidelidade.

O que perverte os padrões naturais de vida beira uma relação com a magia. Na mesma lista incluem-se remédios que levam à loucura, pervertendo a *ratio*, como fazem os alucinógenos advindos do Oriente. A magia, portanto, é uma perversão da medicina e da religião.

Segundo Beagon (2002, p. 108-9), “o envenenador é a antítese do ideal de Plínio, um homem que deliberadamente procura aquelas substâncias que a Natureza, em sua benevolência, geralmente tentou Plínio não consegue distinguir nitidamente usos de ervas mágicos

genuínos e fraudulentos, haja vista que a medicina primitiva romana utilizava ervas. O *pater familias* era o responsável por administrar a cura aos doentes de sua *familia*, passando seus conhecimentos apenas para seus descendentes, que se tornariam, a seu tempo, novos *patres familias*.

Os médicos profissionais, também denominados *turba medicorum*, podem ser tão charlatões quanto os magos, por fazerem uso indiscriminado das plantas. Os clamores dos médicos por teorias elaboradas são tão sem sentido quanto os clamores dos magos por poderes sobrenaturais.

Orphea putarem e propinquo eam primum pertulisse ad vicina usque superstitionem a medicina proventum, si non expertus sedes eius tota Thraece magices fuisset. Primus, quo exstet, ut equidem invenio, commentatus est de ea Osthanes Xerxen regem Persarum bello quod in Graeciae intulit, comitatus ac velut semina artis portentosae sparsit obiter infecto, quacumque commeaverat, mundo. Diligentiores paulo ante hunc ponunt Zoroastren alium Proconnesium. Quod certum est, hic maxime Osthanes ad rabiem, non aviditatem modo scientiae eius, Graecorum populos egit (PL. HN. XXX, 2).

Pessoalmente, eu estaria inclinado a reconhecer em Orfeu aquele que, apresentando esta arte como uma espécie de medicina, introduziu-a primeiro nas regiões vizinhas à sua pátria, a Trácia, se naquele tempo ela não fosse completamente desconhecida da magia. Pelo que sei, o primeiro a escrever sobre ela foi Osthanes que, depois do rei persa Xerxes, em sua expedição contra a Grécia, ao longo do caminho, por onde quer que passasse, contaminou o mundo com as sementes dessa arte monstruosa. Certamente os estudiosos mais diligentes fazem-no preceder um pouco um segundo Zoroastro, originário de Proconesso.⁵ Mas é certo que fora o próprio Osthanes quem infundiu nos gregos não só a paixão, mas também a avidez por seus conhecimentos.

O saber dos magos poderia ser diferenciado da medicina romana. Mas, enquanto a magia já possuía um *corpus* escrito anterior, a medicina não o tinha, carecendo de escritores que se dedicassem precipuamente ao assunto.

Segundo Beagon (2002, p. 112), “longe de se opor ao conhecimento teórico *per se*, Plínio reconhece sua importância ao divulgar o conhecimento prático dos benefícios da Natureza entre todos os homens e assegurar sua continuidade entre seus

descendentes”.⁶ Plínio via, assim, a sua própria obra como uma contribuição para a propagação desse conhecimento, mas sem a obscuridade dos magos.

ABSTRACT

Disputatio under Magical Rituals in the *Natural History*

The 1st century A.D. is a prolix period in scientific and technical works. In this literary circle, Pliny the Elder composes the *Natural History*, a work where he tries to delineate all the sciences in vogue at his time, such as medicine connected to magical practices. The author seeks out to question this practice, frequently used by foreign people, under a look of accusation and, at the same time, defense about the Roman rights. So, we intend to analyze some passages which precisely reveal Pliny's inquisitor look about the magical rites.

KEYWORDS

Contest; magic; *Natural History*; medicine.

NOTAS

¹ Doravante, passaremos a denominar a *História Natural* por *HN*.

² *Finding specific answers often involves trailing the logic of Pliny's narrative backwards to the books that the text assumes we have read, re-asserting the authority of the narrative's organization and the entertainment value of the book.*

³ 'Who "carry gods on their fingers" (engraved on rings), and "curse the monsters they worship" .

⁴ *The poisoner is the antithesis of Pliny's ideal, a man who deliberately seeks out those substances which Natura in her benevolence has generally tried to hide from or render unattractive to men" .*

⁵ Cidade na atual Turquia.

⁶ *Far from being opposed to theoretical knowledge per se, Pliny recognizes its importance in disseminating the practical knowledge of the benefits of Nature among all men and ensuring its continuity among their descendants.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAGON, Mary. **Roman Nature: the Thought of Pliny the Elder**. Oxford: Clarendon Press, 2002.

DOODY, Aude. **Pliny's Encyclopedia: the Reception of the Natural History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DUODECIM tabularum leges. Disponível em: <www.thelatinlibrary.com/12tables.html>. Último acesso em: 5 mar. 2013.

GIBSON, Roy K.; MORELLO, Ruth (Ed.). **Pliny the Elder: Themes and Contexts**. Leiden; Boston: Brill, 2011.

PLINE L'ANCIEN. **Histoire naturelle** I: préface. Texte établi, traduit et commenté par Jean Beaujeu. Introduction Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

_____. **Histoire naturelle** II: cosmologie. Texte établi et traduit par J. Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 1950.

_____. **Histoire naturelle** XXV: nature des plantes. Texte établi et traduit par J. André. Paris: Les Belles Lettres, 1974.

_____. **Histoire naturelle** XXVII: remèdes par espèces. Texte établi et traduit par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1959.

_____. **Histoire naturelle** XXVIII: remèdes tirés des animaux. Texte établi, traduit et commenté par A. Ernout Paris: Les Belles Lettres, 1962.

_____. **Histoire naturelle** XXX: magie et pharmacopée. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 2003.